

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Jéssyca da Rosa Santos Barcellos**

**FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS:  
UM ESTUDO SOBRE OS CURRÍCULOS DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
EM PORTO ALEGRE E REGIÃO METROPOLITANA**

**Porto Alegre**

**2016**

**Jéssyca da Rosa Santos Barcellos**

**FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS:  
UM ESTUDO SOBRE OS CURRÍCULOS DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
EM PORTO ALEGRE E REGIÃO METROPOLITANA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientadora: Raquel da Silva Silveira

Porto Alegre

2016

JÉSSYCA DA ROSA SANTOS BARCELLOS

**FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS:  
UM ESTUDO SOBRE OS CURRÍCULOS DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
EM PORTO ALEGRE E REGIÃO METROPOLITANA**

Trabalho final, apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Porto Alegre, 06 de julho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Raquel da Silva Silveira (UFRGS) - Orientadora

Prof. Dr<sup>a</sup> Paula Sandrini Machado (UFRGS) – Convidada para comentar

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância de estudos acerca da temática racial nas graduações de psicologia. Entendendo o racismo através de um aporte teórico histórico, enquanto sofrimento psíquico que acomete pessoas negras e também enquanto estrutura social que hierarquiza e influencia na subjetividade de todas as raças. Foi feita uma análise de currículos das graduações de Psicologia situadas na cidade de Porto Alegre e Região Metropolitana, podemos observar a recorrência de disciplinas que abordam a temática racial. Durante o período de análise, março de 2016 a junho do mesmo ano, foram encontradas 19 instituições que oferecem a graduação de psicologia, sendo que 1 foi excluída da pesquisa por não permitir acesso ao currículo do curso. Dos 18 currículos analisados, 6 apresentam a temática racial em alguma de suas disciplinas, sendo que em 5 currículos a temática aparece de forma optativa/eletiva. O que mostra a negligência sobre a temática na maioria das instituições analisadas.

**Palavras-chaves:** Relações raciais, temática racial, racismo, raça, análise de currículos, graduação em psicologia, sofrimento psíquico.

## SUMÁRIO

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul. Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA. 2013 Disponível em: <[http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod\\_menu\\_filho=807&cod\\_menu=805&tipo\\_menu=POPULA&cod\\_conteudo=1396](http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu_filho=807&cod_menu=805&tipo_menu=POPULA&cod_conteudo=1396)>.....19

### 1. APRESENTAÇÃO

#### TORPEDO

*Irmão, quantos minutos por dia  
I tua identidade negra toma sol  
Nesta prisão de segurança máxima?*

*E o racismo em lata  
Quantas vezes por dia é servido a ela  
Como hóstia?*

*Irmão, tua identidade negra tem direito  
Na solitária  
A alguma assistência médica?*

*Ouvi rumores de que ela teve febre alta  
Na última semana  
E espasmos  
– Uma quase overdose de brancura –  
E fiquei preocupado.*

*Irmão, diz à tua identidade negra  
Que ela lhe mandou um celular  
Para comunicar seus gemidos  
E seguem também  
Os melhores votos de pleno restabelecimento  
E de muita paciência  
Para suportar tão prolongada pena  
De reclusão.  
Diz ainda que continuamos lutando  
Contra os projetos de lei  
Que instauram a pena de morte racial  
E que ela não tema  
Ser a primeira no corredor  
Da injeção letal.*

*Irmão, sem querer te forçar a nada  
Quando puderes  
Permite à tua identidade negra  
Respirar, por entre as mínimas grades  
Dessa porta de aço  
Um pouco de ar fresco.*

*Sei que a cela é monitorada  
24 horas por dia.  
Contudo, diz a ela  
Que alguns exercícios devem ser feitos  
Para que não perca completamente  
A ginga  
Depois de cada nova sessão de tortura.*

*Irmão, espero que esta mensagem  
Alcance as tuas mãos.  
O carcereiro que eu subornei para te levar o  
presente  
Me pareceu honesto  
E com algumas sardas de solidariedade.*

*Irmão, sei que é difícil sobreviver  
Neste silencioso inferno  
Por isso toma cuidado  
Com a técnica de se fingir de morto  
Porque muitos abusaram  
E entraram em coma.*

*Fica esperto!  
E não esquece o dia da rebelião  
Quando a ilusão deve ir pelos ares.*

*Um grande abraço  
Deste teu irmão de presídio  
Assinado:*

**Zumbi dos Palmares.  
CUTI. Negroesia. Belo Horizonte: Mazza  
Edições, 2007.136 p.**



O poema de Cuti revela muito como eu, e muitos outros se sentiram e se sentem durante a graduação. Presa em um mundo branco onde tudo que podia fazer era tentar ser aceita. Aceitar que nunca pertenceria por completo àquele lugar. Cheguei a desistir. Desistir de tudo, aceitar o lugar que me foi dado, lugar que definitivamente não era o ensino superior, e tentar seguir outro caminho, um caminho menos doído, que fizesse mais sentido para alguém como eu.

Tudo que eu queria era não me sentir excluída, mas meus pais, jamais me deixariam abandonar aquele lugar, lugar que eles sabiam que era meu por direito, e já que insistiam em dizer que não, eu devia toma-lo para mim. Mas como? Como tomar um lugar, que deveria ser seu, mas não é, para si? Um lugar que sempre lhe foi negado? Passei por diversas estratégias para amenizar o sofrimento. Embranqueci, ou tentei. Andava na maioria das vezes com pessoas brancas, mesmo me sentindo melhor com pessoas negras. Comecei a me negar, já não me emocionava tanto com o samba, me afastei do hip hop, o que escutei minha adolescência toda. A religião, Aforumbandista, era mais uma obrigação do que o conforto e a alegria que uma fez foi. Me aproximei do pop, que apesar do Rei, Michael Jackson, ser negro, é uma cultura em sua maioria branca, o próprio Michael tinha diversos problemas com sua raça, e tentou embranquecer de diversas formas. Tentei diversos outros movimentos, para me embranquecer. Até que pensei: Fui aceita! Fui aceita?

Então, porque tinha o mesmo sentimento de vazio? O mesmo sentimento de exclusão e não pertença de sempre.

Cortei os cabelos! Chega de liso! Agora sim! Sou negra! (Como se antes eu não fosse). Agora tenho cabelo crespo e TUDO vai mudar! Quem dera que o racismo sumisse de acordo com a estética. Assuma seus traços e o sofrimento some. Admito que ajuda, se olhar no espelho sem a obrigação de seguir o padrão e se gostar dessa maneira ajuda sim, mas não resolve.

Então o que mudou? Comecei a perceber que alguns elogios, por melhor intencionados que fossem, me incomodavam, me exotificavam, e mais ainda, continuavam a me excluir. “Nossa, que negra linda!” Era o mesmo que: “é bonita para uma negra, mas uma branca é mais bonita”. “A Jéssyca deve ter mil homens a seus pés”. Hoje percebo como esses comentários reforçam os discursos de hiperssexualização da raça. Esses elogios me doíam, pois não me sentia assim, não era bonita, nem “gostosa”, nem sexy, nem inteligente, muito menos tinha homens aos meus pés. Eu estava sempre

sozinha, no máximo, eu me sentia como uma pessoa legalzinha. Sempre tentei exaltar como eu sou divertida, e como sou uma amiga leal. Não que não fossem boas qualidades, que ainda gosto de exaltar, mas era um sentimento que seria isso e mais nada.

Foi quando percebi que aquele mundo não era meu, não porque eu não deveria estar ali, como o sentimento anterior, mas porque ele não falava de mim. As teorias não falavam de mim, nem da minha constituição, nem do meu sofrimento, nem de nada sobre mim. As teorias nunca pensaram em mim enquanto Ser. As teorias foram ampliadas para me incluir (e notem que falei ampliada, pois nem adaptadas foram), dizendo que eu era igual aos outros, quando cada parte do meu eu gritava que eu era diferente. Procurei, agora sim, meus iguais. Sim, éramos poucos na época, mas éramos. Cada um de nós lutando e buscando formas de sobreviver àquele mundo. Comecei devagar, lendo alguns blogs, indo a alguns encontros promovidos pelo coletivo *Negração*<sup>1</sup> (coletivo de estudantes negros da UFRGS) que também estava em seu início.

Comecei a ver que não estava sozinha, e que muitos passaram e passavam pelo mesmo que eu. Me aproximei de novas teorias (novas para mim pelo menos), questionei as clássicas. E depois de muita luta interna, aqui estou, viva, viva neste mundo que tenta me eliminar diariamente. Posso hoje dizer que sou aceita. Aceita por mim! Hoje tenho condições de fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso questionando exatamente o que me fez sofrer tanto, questionando a falta de estudos raciais nos cursos de graduação de Psicologia. Questionar o porquê de não facilitar a vivência do negro nesse mundo branco, e quando falamos de ensino superior, mais branco ainda.

Ainda há muito a ser feito e não podemos nos contentar com pouco. Mas hoje vamos comemorar, pois uma das milhares de batalhas foi vencida, existe mais uma preta no mundo que se ama como preta, que está disposta a lutar. A guerra não acabou, nem a interna, nem a externa, mas hoje, só hoje me deixa sambar.

---

<sup>1</sup> Coletivo de Estudantes Negros da UFRGS, criado em 20/07/2012, através da reivindicação da errata no hino sulriograndense para “Povo que não tem virtude acaba por *escravizar*”.

## 2. INTRODUÇÃO

“O que te traz aqui? ”

Pergunta clássica, feita nos primeiros encontros entre terapeuta e paciente. É questionada a razão pela qual determinada pessoa busca a psicologia para auxiliá-la de alguma forma. As respostas podem ser inúmeras, podendo trazer diversos motivos pela causa do sofrimento atual. Durante a graduação é ensinado a futuros profissionais da psicologia que devem atentar aos detalhes ditos pelo/a paciente, para assim, junto com ela/ele, poder aliviar o sofrimento.

O motivo causador deste sofrimento, que impede o sujeito de seguir com sua vida, pode ser qualquer um. Por isso, é estudada a constituição do sujeito psíquico e como é produzida, de forma geral, a psique do ser humano. É estudado também o contexto familiar e social em que este sujeito está inserido/a, o que contribui para sua formação, e pode corroborar para maiores ou menores sofrimentos psíquicos.

E quando o/a paciente relata ter sofrido racismo? Quando relata não seguir em frente, pois não há representações positivas a seu respeito? Quanto relata não ser feliz em sua pele e que se sente inferiorizado perante uma pessoa branca?

Na primeira sessão de psicoterapia, sentiu a necessidade de falar sobre as diversas situações em que sofreu racismo, contando de sua infância trabalhando como empregada doméstica e babá sob o pretexto de que estava ‘brincando com a filha da patroa’, até casos mais recentes, em que fora seguida dentro de lojas onde fazia compras. Ao final, a psicóloga – que era branca – afirmou que Lopes precisaria mudar o comportamento de ‘se vitimizar e transformar acontecimentos normais em racismo.

Em busca de sua segunda psicóloga, Lopes chegou a fazer cinco sessões de psicoterapia, quando finalmente começou a falar do racismo que lhe causava sofrimento. ‘A psicóloga ficou visivelmente impaciente e desconfortável e me perguntou se eu achava mesmo que racismo ainda existia nos tempos de hoje’, relata Lopes. ‘Saí de lá arrasada, estava pagando muito caro por cada consulta e nunca imaginei que uma profissional fosse questionar a veracidade do meu sofrimento, do racismo, daquela forma. Nunca mais voltei a procurar terapia, hoje ainda luto contra a depressão e apenas faço uso de medicamentos’, completa (Arraes, Jarid, 2015).

Estes são relatos retirados do texto *Meu Psicólogo Disse que Racismo não Existe*, por Jarid Arraes. Estes depoimentos mostram o despreparo de profissionais da área da psicologia em lidar com pacientes que sofrem racismo. Mesmo com resoluções

como a RESOLUÇÃO CFP N.º 018/2002, que estabelece normas de atuação para psicólogas e psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial, e a RESOLUÇÃO CNE/CP N.º 1/2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico e Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004), nas instituições de ensino superior (IES), em 2015 (data da reportagem) ainda se têm relatos como os citados acima. Estas mesmas diretrizes vão frisar que para o combate ao racismo e a discriminação deve haver:

Inclusão de discussão da questão racial como parte integrante da matriz curricular, tanto dos cursos de licenciatura para Educação Infantil, os anos iniciais e finais da Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, como de processos de formação continuada de professores, inclusive de docentes no Ensino Superior (BRASIL, 2004 p. 21).

Mesmo com diversas leis que lutam para a eliminação do racismo e da discriminação racial, no Brasil é comum utilizar estratégias para silenciar o racismo, é comum não falar sobre, e, assim, fingir que ele não existe. O que acontece é falar do racismo de outra forma, como por exemplo, em relação à classe social. Ao colocar-se as diferenças sócio-econômicas como principal fator de discriminação e desigualdades sociais, acaba-se por minimizar o racismo em nossa sociedade. Lia Vainer, Sylvia Nunes e Eliane Costa (2015, p. 1) trazem que “circunscrever desigualdades raciais às de classe é uma forma de escamotear o racismo, já que ponderar sobre ele significa revelar a faceta pouco harmoniosa de nossa sociedade, a qual engendra e mantém profundas desigualdades sociais”.

Diante desse processo de silenciamento sobre o racismo brasileiro, este trabalho propôs-se a investigar se o racismo e o estudo das relações raciais tem sido ou não silenciados nas formações de graduação em psicologia, principalmente em virtude da existência das resoluções citadas acima. As resoluções não só falam da atuação do/a psicólogo/a como profissional, mas também de sua formação. Quando é referido no Art. 1º da resolução 018/2002 do CFP que o/a psicólogo/a contribuirá com seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e a eliminação do racismo, se pressupõe que este conhecimento exista. A segunda resolução citada vem em encontro à lei 10.639/2003 que posteriormente passa a valer como lei 11.635/2008. Ou seja, IES tem por obrigação, de acordo com o Conselho Nacional de Educação, construir, identificar, publicar e distribuir material didático e bibliográfico sobre questões relativas à educação das relações étnicos e raciais para todos os cursos de graduação.

No curso de psicologia da UFRGS, considerando o período de agosto de 2009 (posterior a todas as leis e resoluções citadas até então) até junho de 2016, foi estudado sobre questões raciais em apenas uma disciplina optativa, em 2011. De acordo com Kabengele Munanga (2002), a psicologia é considerada uma graduação com muito a contribuir sobre o racismo e suas consequências, devido as suas especificidades, seria um curso que poderia auxiliar as demais áreas sociais a entender o fenômeno do racismo, com enfoque nos efeitos do mesmo sobre a psique dos indivíduos, tanto dos que sofrem, como dos que praticam racismo. No campo dos estudos da psicologia, Lia Vainer, Sylvia Nunes e Eliane Costa (2015) também corroboram essa compreensão, apontando ser o racismo uma forma de violência e desigualdade política que pode ser precursor de grande sofrimento psíquico vivenciado por negros/as, e, portanto, afirmam que a psicologia tem grande potencial no combate contra o racismo. O que retoma a questão inicial deste estudo: profissionais psicólogos/as, com base na sua formação de graduação, podem se considerar preparados/as para lidar com o racismo?

Em um estudo sobre os currículos do ensino superior brasileiro após a implementação das ações afirmativas, Joana Passos, Tatiane Rodrigues e Ana Cruz (2016, p. 9) problematizam as transformações que ocorreram com essa maior democratização ao acesso as instituições de ensino superior, tendo tornado o público discente mais heterogêneo. Essas mudanças tem feito com que estas instituições sejam questionadas em seu todo, inclusive em seus currículos e “os conhecimentos que têm sido considerados legítimos de serem ensinados e pesquisados”. Para essas autoras, os currículos escolares são considerados “como uma questão de cultura e poder” (Passos, Joana, Rodrigues, Tatiane e Cruz, Ana, 2016, p. 14). Os currículos devem ser vistos como pertencentes aos jogos de poder, pois é através deles que se enxerga o que deve ou não ser ensinado, ou que pelo menos é explicitado de forma pública. Os currículos estão vinculados às formas de organização da educação e consequentemente da sociedade.

Assim, decidi tomar como objeto de estudo os currículos de graduação em psicologia, para verificar de que forma a temática do racismo tem sido tratada. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi investigar se há estudos sobre questões raciais em instituições de ensino superior, em graduações em psicologia. Para tanto, foram analisados currículos de graduações em psicologia de Porto Alegre e Região Metropolitana, com fins de identificar o quanto já tem sido estudado sobre o assunto. O presente trabalho também propõe uma discussão relacionada à natureza das disciplinas

existentes sobre a temática racial, se as mesmas são de natureza obrigatória ou optativa/eletiva.

### **3. ENTENDENDO O RACISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE SEU SURGIMENTO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS**

Não podemos falar sobre análise de currículos nas instituições de ensino superior e a necessidade de se estudar relações raciais durante a formação sem falar de racismo. Existe uma crescente produção científica sobre a temática das relações raciais e do racismo, mas ainda se tem dificuldades para se falar do assunto. Trabalhos acadêmicos sobre racismo de forma geral, tem crescido. Com o simples descritor, racismo, se encontra mais de 300 trabalhos na base de dados do SciELO. Porque então é tão delicado trazer o assunto em sala de aula, ou em rodas de conversa?

O racismo está presente na produção de subjetividade contemporânea, e continua a produzir graves violações de direitos humanos. Maria Helena Rodrigues Navas Zamora (2012, p. 564) vai entender subjetividade como:

(...) formas de viver que podem ser prescritas e proscritas; que podem ser tanto individuais quanto coletivas; homogêneas e aprisionadas; mas também podem ser singulares e experimentar novos territórios de existência. A subjetividade é algo modelado, produzido por processos coletivos, institucionais, sociais, que atravessam os indivíduos.

Para melhor ser compreendido como o racismo vai produzir subjetividades e verdades acerca das raças, é importante mostrar como a questão se desenvolveu historicamente. Carlos Moore (2012), em seu livro *Racismo e Sociedade*, apresenta argumentos históricos sobre a construção do racismo, demonstrando sua genealogia antes mesmo da existência do conceito racismo. Ele afirma que “o racismo em sua realidade histórica era pautado no social e cultural do fenótipo exclusivamente, bem antes de ser um fenômeno político” (Moore, Carlos, 2012, p. 19). Segundo o autor, a sistematização do racismo enquanto ideias e valores do europeu perante outras raças e culturas dos povos diferentes ocorreu a partir do século XV.

Para Moore (2012 p. 23), o racismo “legitima e consolida a posição do segmento racial dominante, mediante um discurso e práticas conscientemente orientados para a

manutenção do *status quo*". Ou seja, o racismo opera através de discursos e práticas - sejam científicas, religiosas ou culturais -, os quais são fixados no imaginário social a fim de que se mantenha a ideia de superioridade de uma raça sobre as outras.

Durante seu trabalho, Carlos Moore (2012) apresenta estudos históricos que comprovam que o primeiro ser humano nasceu na África. Esta informação é importante para que haja o reconhecimento de que durante muito tempo só existiram povos melanodérmicos. Provando assim que toda a humanidade descende de africanos, e que as mudanças fenotípicas nada mais são que mudanças evolutivas para melhor adaptação e sobrevivência do ser Humano em outras localizações e condições climáticas. Assim, pode ser repensada a premissa de uma raça superior à outra.

Em sua teorização sobre racismo, Carlos Moore (2012), vai trazer que o racismo surge a partir da xenofobia, fazendo que povos de determinada região que em contato com povos diferentes, acreditavam serem superiores. Fazendo com que o novo povo perdesse e usufruto dos recursos da sua própria região. Como aconteceu com os índios no Brasil. Para esse autor, o racismo surge com a fenotipização das diferenças, ou seja, ele deixa de ser xenofóbico, a partir do momento em que o mais importante são as características físicas de determinado povo, e não necessariamente de onde eles vieram. Carlos Moore (2012) também discute as dinâmicas que ajudaram a criar o racismo, das quais ele destaca a simbolização, as estruturas sistêmicas e as ideologias. A humanidade quando entra em contato com algo que foge a sua compreensão, se sente ameaçada pelo inexplicável, e busca através do extra-racional, religião por exemplo, as respostas para neutralizar tal temor, dando abertura para o processo de simbolização. É comum "que processos de sacralização ou demonização gerem mecanismo que conduzem, ulteriormente, a um processo de simbologização" (Moore, Carlos 2012, p. 200). No sentido que simbolizar seria ligar algo a um símbolo, o racismo liga as ideias extra-racializadas, das características fenotípicas de um povo específico de forma negativa. As estruturas sistêmicas mostram como as sociedades multirraciais foram criadas através da miscigenação violenta, criando assim castas, que baseado em suas características fenotípicas, classifica os seres. Fazendo assim que os mestiços tendam a se identificar mais com o grupo dominante do que com o dominado, fragilizando cada vez mais a busca por resistências.

O racismo implica na seguinte situação: a supremacia total de um segmento humano que se autodefine como raça sobre outro segmento humano

percebido como outra raça. (...) O racismo confere, vantagens e privilégios exclusivos segundo a posição que ocupe na hierarquia de uma ordem racializada. Mas para que tudo isso aconteça sem que os segmentos subalterizados reivindiquem a partilha do poder, faz-se necessária a estruturação de toda uma ordem filosófico-moral sustentadora desse privilégio: a Ideologia” (Moore, 2012 p. 204 - 205).

Lia Vainer, Sylvia Nunes e Eliane Costa (2015, p. 2) trazem que “a construção social da raça e do racismo são os principais organizadores das desigualdades”, influenciando nos modos de subjetivação e socialização de todas as raças. Estruturando todas as formas de relações sociais, afetando as possibilidades das raças consideradas inferiores de atingirem ascensão social e satisfazerem suas necessidades. Da mesma forma que mantém e cria privilégios para a raça considerada superior.

Esta construção social faz parte das Ideologias racistas que formam um Pacto Social que permite a manutenção do racismo, fazendo que o próprio povo subalterno negue a existência do racismo, “essa característica de poder de ‘negar a si mesmo’ que confere tal plasticidade e resistência aos esforços de mudança. ” (Moore, Carlos 2012, p. 205)

Segundo Lia Vainer (2010), o conceito de raça vai surgir na modernidade como uma ideologia necessária para justificar o processo de escravidão dos povos africanos, bem como para justificar a ideia de pureza racial. Nesse sentido, as instituições das ciências biológicas trataram de defender a sociedade dos perigos das raças inferiores (não brancas), produzindo discursos que alegavam que a mistura de raças poderia causar danos a raça branca. A diferenciação da raça, serve também, para desumanizar os negros, justificando assim as ações escravistas, como relata Caio Maximino de Oliveira (2002, p. 35) “sempre que o homem deseja degradar, explorar, oprimir ou matar o Outro, declara que este não é "realmente" humano”.

A partir da hierarquização das raças surge o conceito de racismo. Durante muito tempo a ciência biológica tentou provar a inferioridade das raças não brancas, criando uma correlação entre fatores que poderiam prejudicar a humanidade com características genéticas de determinada raça, dita como inferior. As bases científicas vêm a corroborar ideias sociais prévias de raça e racismo, como vimos na discussão de Carlos Moore (2012). O conceito de raça enquanto científico surge na modernidade, mas o fato da hierarquização das raças, a escravidão, e a crença da inferiorização natural de um povo, e a negação de sua humanidade, já existia desde os tempos mais remotos da

Antiguidade. Para esse autor, o discurso social da Antiguidade corroborou para que fosse criado o racismo científico, onde diversas teorias, tentavam encontrar explicações para a inferioridade de raças não-brancas, permitindo assim, ações discriminatórias, com intuito de preservação da raça superior (brancos).

Em seu estudo sobre violência doméstica e relações raciais, Raquel Silveira (2013, p.45) aponta que a aliança com as ciências biomédicas se deu no sentido de “fortalecer os regimes de verdade, pois são as ciências biológicas que carregam potencialidade narrativa de comprovação e sustentação nas relações de dominação instaurados pela lógica do biopoder”. Quando o conceito de raça foi eliminado do discurso científico, já havia um regime de verdade no discurso social, que continha ideias sobre determinadas raças, que permanecem até hoje. Como coloca Caio Oliveira (2002), a discriminação racial só se torna real através do imaginário social, a inferioridade de uma raça não é natural, ou seja, a discriminação só é justificada hoje através da construção social não natural que a sociedade desenvolveu sobre uma raça, utilizando de mitos, para justificar seus preconceitos.

Os mitos e preconceitos criados e mantidos frente à população negra são tidos como mecanismos racistas psicológicos (Zamora, Maria,2012). Esses mecanismos são tão violentos quanto os físicos, inclusive, é a partir da violência psicológica que a violência física é perpetuada. Maria Zamora (2012) demonstra em seu artigo que a violência psicológica do racismo é de extrema importância, e que não podemos nos limitar a pensar o racismo única e exclusivamente a partir de ataques ao corpo físico, mas também em ataques subjetivos. O racismo faz com que sua vítima seja enfraquecida, e internalize a suposta inferioridade. Zamora descreve os ataques psicológicos como assassinatos simbólicos.

Em *Em Defesa da Sociedade* (2005), Foucault vai discutir exatamente como esses assassinatos tanto simbólicos como concretos são permitidos e perpetuados pelo Estado, através do conceito de biopoder, tecnologia de poder que se organiza no século XIX. Antes de entender como o racismo de Estado opera, é necessário entender, como funciona o biopoder. O biopoder se dá enquanto instrumento de controle e regulação da vida. A vida humana passa a ser mensurada, contabilizada e classificada. Dentre estas classificações está a hierarquização das raças. O objetivo desta tecnologia é o prolongamento da vida humana de forma a ser mais produtiva e rentável para o Estado.

O biopoder acaba se interessando por questões coletivas, no sentido de regular e controlar o que é melhor para o Estado. Assumindo a tecnologia do biopoder, enquanto tecnologia que investe na vida, como podemos falar em assassinatos permitidos e perpetuados pelo Estado? Através do racismo de Estado. O Estado classifica a sua população entre indivíduos biologicamente inferiores e indivíduos biologicamente superiores, baseados no racismo científico. Utilizando de pensamentos evolucionistas para tirar a vida de indivíduos visto como inferiores, e que poderiam prejudicar a evolução da espécie. É importante frisar que Foucault traz que tirar a vida, não significa só assassinio propriamente dito, mas o fato de expor a morte, aumentar o risco de morte para alguns, morte política, expulsão e rejeição, também se configuram em racismo de Estado, pois existe uma tentativa de anulação de indivíduos que são considerados inferiores. Foucault vai trazer o nazismo, como exemplo. Pois o discurso foi, que para benefício da raça ariana, tida como superior, deveria se eliminar a raça inferior. (Foucault, Michel, 2005). Exemplificando o racismo do Estado brasileiro, podemos pensar na produção das nossas periferias, que tem sua população predominantemente negra. A população periférica em sua maioria vive de forma precária e exposta a diversos perigos que facilitam sua morte, física e simbólica.

A partir do século XX, após a Segunda Guerra mundial, que muito utilizou o conceito de raça para justificar o nazismo, e depois que muitos brancos morreram, cientistas biológicos chegaram à conclusão que, os marcadores genéticos de uma determinada raça poderiam ser encontrados em outra, caindo por terra o conceito de raça biológica, ou seja as diferenças entre pretos, brancos, amarelos e vermelhos não seriam suficientes para serem categorizados enquanto raças. (Vainer, Lia, 2010).

Mesmo após as conclusões das ciências biológicas, a ideia de raça continuou a ser utilizada. A raça acaba por se tornar um conceito social, ou seja, sem bases naturais. Baseado na ideia de raça, o social cria formas de identidade que são eficazes para manter e produzir privilégios de um grupo em detrimento do outro. (Guimarães, Antônio, 1999). Raça, no imaginário popular ainda é a mesma produzida pela ciência moderna que diz que um grupo com características físicas parecidas são pertencentes a determinada raça. Para o imaginário da população as características físicas de determinado grupo também determinam suas características psicológica, morais, intelectuais e estéticas (Munanga, Kabengele, 2004). O imaginário social não se limita a mera ilusão, verdades são construídas a partir deste imaginário. (Oliveira, 2002). Lia

Vainer Sylvia Nunes, e Eliane Costa (2015, p. 2) vão afirmar que “isso é a constatação de que a não existência de diferenças genéticas significativas entre negros e não negros não anula as desigualdades sociais que há entre a população negra e a branca, nem mesmo abole os estereótipos pejorativos atribuídos aos negros e os positivos adjudicados aos brancos”.

Em sua Tese de Doutorado, Sueli Carneiro vai conceituar o dispositivo de Racialidade. Este dispositivo parte do princípio que exista um padrão branco, onde o ser humano, o ser “normal”, é o ser branco. Trazendo enquanto consequências a inferiorização de tudo que se distancie do padrão. Ou seja, é criado no imaginário popular um ser universal, este ser é branco, e todos não brancos são hierarquizados de acordo com sua proximidade com o branco. (Carneiro, Sueli 2005). Parte-se do princípio de um ideal branco, onde não necessariamente há uma ameaça das outras raças, mas sim uma crença de uma superioridade natural dos brancos. O Racismo de Estado discutido por Foucault trabalha no sentido da preservação da raça superior, tornando a aniquilação (real ou simbólica) da raça inferior como efeito colateral da preservação da raça superior (Foucault, Michel, 2005). Ou seja, o ponto de partida é o branco, no sentido de preservar e melhorar sua própria raça. A morte, simbólica, política e real dos outros povos é mera consequência. “Não é a submissão do outro, mas uma afirmação de si” (Carneiro, Sueli 2005, p. 43).

O racismo [ou, como veremos, a supremacia branca global] é em si um sistema político, uma certa estrutura de poder formal ou informal, de privilégio socioeconômico e de normas para a distribuição diferencial de oportunidades e da riqueza material, de benefícios e encargos, direitos e deveres. (Mills apud Carneiro, 1997, p. 3).

A prática de racismo pode se dar de diversas formas, desde as mais explícitas, como verbalizar o descontentamento de estar em um mesmo local que uma pessoa negra, até as mais implícitas, que são atitudes de pensamento automático, como por exemplo segurar a bolsa quando uma pessoa negra entra no recinto. Uma das formas mais comuns é a visão dos negros em desvantagem e o branco em vantagem social pelo simples fato de ser branco. O fenômeno de privilegiar o branco é chamado de branquitude (Bento, Maria, 2002). É o lugar ocupado pelo branco nos estudos de relações raciais (Santana Hellen e Castelar Marilda, 2015). A branquitude é vista de forma natural, este privilégio, é pouco questionado pelos próprios brancos, até meados de 1990 existiam poucos estudos que apontassem o papel do indivíduo branco nas

questões de relações raciais, (Moreira, Camila, 2014). A branquitude se mostra em diversas formas, entre elas no fato de em sete (7) anos de estudos na graduação de psicologia da UFRGS, só se falar em racismo, relações raciais e sobre como a constituição do sujeito não branco se dá de forma diferente, ser vista somente em uma disciplina optativa. A branquitude parte da premissa que a normalidade é de pessoas brancas. Estes privilégios tidos como naturais, produzem ideias de superioridade em pessoas brancas, fazendo com que se acredite que elas mereçam estes privilégios e neguem o sofrimento de outras raças. O estudo de Hellen Santana e Marilda Castelar vai trazer a importância de que a relação racial deva ser discutida por todas as raças:

É importante questionar as dificuldades e facilidades que as pessoas têm diante da cor da pele. Nota-se no cotidiano o pensamento de que o negro é o responsável pelo sofrimento que está vivenciando, sendo que esta é uma condição imposta aos próprios. Permanece assim a noção de que o racismo existe, mas ninguém se responsabiliza por ele, apenas o considera problema de quem o enfrenta. Constata-se que na atualidade o racismo tem sido mais discutido por profissionais negros da psicologia do que brancos, assunto que diz respeito a negros e brancos, e por isto nos referimos a “relações raciais”. (Santana Hellen e Castelar Marilda, 2015, p. 89)

No caso da graduação em psicologia da UFRGS, são estudados teóricos brancos, que por sua vez, basearam seus estudos em pessoas brancas, normalmente pertencentes a elite. Estas teorias de produção de subjetividade e constituição da psique foram generalizadas para todas as pessoas. Assim, se nega a diferença de formação de sujeito para pessoas não brancas. Em uma carta de Aimé Césaire, se desfilhando do Partido Comunista Francês, ele critica justamente, o fato, de não serem respeitadas as diferenças dos povos negros, e que a universalização não é a resposta, “...Há duas maneiras de se perder: por segregação intra-muros e por diluição ‘universal’.” Negar a raça em troca de uma universalização não adiantaria, pois, a “universal” parte do princípio branco, o que negaria os sofrimentos enfrentados por pessoas não brancas, justamente por não serem brancas. (Moore, Carlos, 2010)

Como o racismo opera na constituição de sujeito negro? É o que irá trabalhar Neusa Santos Souza em seu livro *Tornar-se Negro*. A autora teoriza a partir de entrevistas, como o próprio negro se enxerga e como era possível a ascensão social no início dos anos 1980 para o negro. Visto que, o negro, para ascender socialmente deveria eliminar a concepção de inferior e submisso, e não tendo nenhuma ideia positiva de si mesmo e de seus ancestrais, ele toma o branco como modelo de identidade. (Neusa Santos Souza, 1983) Mesmo depois da abolição em 1888, as relações raciais não se

modificaram muito de forma geral, ou seja, o negro ainda era visto como inferior, como subalterno, e o branco como ser superior que se devia respeito.

Como o negro poderia ter algum tipo de ascensão social pós-abolição se ainda era visto por ele e pelo branco de forma inferiorizada? Somente pela aproximação de um ideal branco. Neuza afirma que um “tripé formado pelo contínuo de cor, ideologias do embranquecimento e democracia racial – sustentáculo da estrutura das relações raciais no Brasil – produziram as condições de possibilidade de ascensão do negro.” (Souza, Neuza, 1983 pg. 22)

Contínuo de cor é o fato de negro e branco, não serem as únicas cores de pele no Brasil, sendo que as inúmeras tonalidades têm significados e posições sociais diferentes, seguindo a lógica de quanto mais branco, mais aceito a pessoa será. O fato de não ter tido uma segregação oficial e legal no Brasil, permitiu que se falasse em democracia racial, hoje estudada por diversos artigos como mito (Guimarães, Antônio, 2006). Durante muito tempo o Brasil foi visto como um país livre de preconceito, principalmente em virtude de sua miscigenação. A partir dos estudos da Unesco, coordenados por Florestan Fernandes nos anos 1950, a democracia racial passa a ser desmascarada enquanto mito. Vale destacar que essa crítica já vinha sendo feita pelos movimentos negros brasileiros. Autores como Caio Maximino de Oliveira vão afirmar que a democracia racial é “uma armadilha de urso que nos captura e não nos permite enxergar a falta de negros nos shopping centers e sua presença quase exclusiva na periferia” (p. 34). O mito da democracia racial ainda hoje é utilizado para amenizar atitudes racistas. (Guimarães, Antônio, 2006)

A ideia de democracia racial associada à ideologia e políticas públicas de embranquecimento fez com que os negros se colocassem cada vez mais em um local de não negro, o mais próximo de branco possível. Com a ideia de embranquecimento, a ascensão social do negro se dá de forma individualizada, pois o negro nega sua raiz, diminuindo assim as chances de ascensão coletiva (Souza, Neuza 1983). Neuza vai discutir que em 1980, as possibilidades de ascender no Brasil para um negro era assimilar os padrões brancos. Negar sua identidade, “em atenção as circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação” (Souza, Neuza, 1983 p. 23). Dessa forma produz-se um discurso que assegura que ser branco é ser melhor, e quanto mais distante do negro, melhor ainda. Já é

entendido desde muito cedo, que o negro deve ser duas vezes melhor, pois já é fixado que o negro é inferior ao branco, sendo assim, para se igualar ao branco deve se esforçar mais. A democracia racial faz com que o negro acredite na universalidade do ser, e coloca ênfase no indivíduo, como se ele fosse o único responsável por suas conquistas. A democracia racial reforça a ideia de meritocracia. (Souza, Neuza 1983).

Neuza trará o conceito de Ideal de Ego Branco. “O Ideal de Ego, é um modelo a partir do qual o indivíduo passa se constituir – um modelo ideal, perfeito ou quase.” (p. 33). Realizar o ideal de ego é uma exigência imposta, por nós mesmos, a partir de um mundo externo, como idealização dos pais, ou padrões da sociedade. A tranquilidade interna da pessoa está diretamente ligada ao quanto ele se aproxima do Ideal de Ego. Quando falamos do Negro, falamos que a sociedade impõe para ele, que seja branco. Ou seja, o Ideal de Ego é branco. Como atingir este Ideal? Uma das primeiras regras é a negação. (Souza, Neuza 1983)

Então o negro nega a si mesmo e ao racismo, trabalhando com a questão da meritocracia, mostrando que basta o esforço individual, acreditando em exceções que confirmam a regra, negando o racismo, ao mesmo tempo que nega pertencer a determinado grupo supostamente inferior. Frases inferiorizando o negro e se afastando dos estereótipos ligados a raça são comuns, “Negros não gostam de estudar, mas eu sou diferente, eu consegui estudar.” A pessoa se coloca enquanto diferente dos negros de forma geral, se afastando de sua raça, a discussão se torna “eles” e “eu”, onde o próprio negro se diferencia do restante do grupo, o que também dificulta organizações coletivas.

Como se pode perceber o Ideal de Ego Branco é impossível de ser realizado. O que fazer? Neuza vai falar de duas alternativas básicas, a primeira sendo, sucumbir as punições vindas da não realização do Ideal de Ego, representado pela melancolia. O que acarretará em sentimentos de inferioridade, perda da autoestima, insegurança e angústia. Para não se sentir assim algumas pessoas negras tentam se aproximar ao máximo do Ideal, mas sempre serão estratégias de “quase”. Um exemplo bem comum, para as mulheres é alisar o cabelo, seria uma aproximação, mas não uma realização satisfatória. Essas tentativas, na maioria das vezes frustradas, também podem ser chamadas de estratégias de branqueamento. Branqueamento é exatamente este lugar imposto ao negro, para que se torne branco, pois ser branco é a melhor forma de referência (Santana, Hellen, e Castelar, Marilda, 2015) “No Brasil, o branqueamento é

frequentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais” (Bento, Maria, 2002, p.25). Nesse sentido, “instala-se a preocupação em disfarçar seus traços físicos originais e de fazer-se ‘passar por branco’. Mas ao desejar embranquecer, o negro não se permite existir; ele instaura o projeto de sua própria extinção”. (Zamora, Maria, 2012, p. 567).

Pessoas negras se desenvolvem em um ambiente hostil, onde suas características são vistas de formas negativas e que devem ser negadas, devem ser transformadas em características brancas. Maria Zamora (2012), afirma que desde cedo, crianças negras são expostas a desvalorização de seu corpo, e a padrões de beleza não condizentes com sua realidade. Ser negro, portanto, é algo difícil e com inúmeros obstáculos.

Corroborando com esta ideia de que pessoas negras se encontram em um ambiente hostil, temos Marco Antonio Guimarães e Angela Baraf Podkameni (2012), através da teoria de Winnicott, trabalham com os conceitos de espaço potencial e meio ambiente suficientemente bom. Como relatam os autores, o espaço potencial é “o exercício natural e de direito de um campo de escoamento e elaboração de tensão psíquica” (p, 225). O espaço citado é um campo de intermédio entre o mundo interno e a realidade externa. Ainda em Marco Guimarães e Angela Podkameni (2012), o “meio ambiente é elemento fundamental na construção, desse campo da subjetividade (espaço potencial), não só no início, mas também ao longo da vida” (p 225).

O meio ambiente suficientemente bom seria o ambiente que é capaz de compreender e suprir as necessidades do indivíduo, ao mesmo tempo que impõe limites e apresenta certas frustrações em um nível que seja tolerável para o indivíduo, fazendo desenvolver um potencial criativo para aprender a lidar com essas frustrações. Para pessoas negras o meio ambiente não é favorável, pois ao entrar em contato com um meio sociocultural racista, se instauram frustrações que o sujeito não consegue suportar, fazendo com que estas frustrações sejam elaboradas de forma não saudável. (Guimarães, Marco e Podkameni, Angela 2012)

Voltando para Neuza Souza (1983), a autora irá trabalhar com uma segunda alternativa para a realização do Ideal de Ego. A modificação do Ideal de Ego, o que não é simples, pois o Ideal de Ego, seja qual for, é algo construído e imposto desde a infância e está enraizado no sujeito. Para uma modificação de Ideal de Ego Branco deve

ser feito uma construção de uma identidade negra positiva. “Assim, ser negro não é uma condição a priori. É um vir a ser, Ser negro é tornar-se negro”. (Souza, Neuza, 1983, p. 77). Para tanto, exige uma condição de negar o modelo advindo do externo. Negar a construção de Ideal de Ego Branco, romper com esta ideia é organizar condições do negro ter um Ideal de Ego, próprio. (Souza, Neuza 1983). É comum que a pessoa negra encontre sua identidade negra, a partir da luta antirracista, onde ela terá que lidar com suas questões e opressões sofridas diariamente e se identificará com pessoas que sofreram e sofrem o mesmo. O indivíduo negro se distancia do ideal branco, quando consegue se enxergar de forma positiva, o que não é fácil. Pois ir contra as estratégias de branqueamento é ir contra o que é lhe imposto socialmente desde muito cedo. (Santana, Hellen e Castelar, Marilda, 2015)

No livro, *Discurso sobre a Negritude*, de Aimé Césaire, é discutido como o conceito de Negritude foi criado, e o sentido em que ele foi criado.

Ela (a Negritude) é um despertar; despertar da dignidade.

Ela é uma rejeição; rejeição da opressão.

Ela é luta, isto é, luta contra desigualdade.

Ela é também revolta (...) a Negritude foi uma forma de revolta, em princípio contra o sistema mundial da cultura tal qual ele se constituiu durante os últimos séculos e que se caracteriza por um certo número de preconceitos, de pressupostos que resultam em uma hierarquia muito rígida.

A Negritude foi uma revolta contra aquilo que eu chamaria de reducionismo europeu. (Césaire, Aimé 1987, pg. 109-110).

A discussão feita neste livro traz a questão de como é importante para o negro se assumir enquanto negro. Dá visibilidade ao fato de que a universalização da raça significa negar o racismo. E mostra que a forma de enfrentar o racismo é por uma “afirmação racial legitimadora também global” (Moore, Carlos 2010, pg. 18). Entrando em acordo com o que diz Neuza Santos Souza em seu livro, que o negro só conseguirá diminuir seu sofrimento, quando se aceitar enquanto negro. É nesse sentido que Césaire trabalha o conceito de negritude.

A Negritude foi tudo isso: busca de nossa identidade, afirmação do nosso direito a diferença, aviso dado a todos do reconhecimento desse direito e do respeito à nossa personalidade coletiva. (Césaire, Aimé 1987, pg. 113).

Retomando o conceito de raça social, podemos perceber que para uma forma de luta contra o racismo este conceito é fundamental, quando utilizado para uma identificação com a identidade negra. A afirmação de uma raça social, hoje pode ser tida

como uma afirmação pessoal, uma ferramenta para que a população negra se reconheça como tal. Permitindo que juntos sejam reivindicadas mudanças acerca das desigualdades raciais. (Vainer, Lia, Nunes, Sylvia e Costa, Eliane, 2015).

#### 4. METODOLOGIA

Neste trabalho foi pesquisado inicialmente quais cidades fazem parte da região metropolitana de Porto Alegre. Sendo o total de trinta e quatro (34) cidades com sua última atualização no ano de 2013, de acordo com o site governamental, Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul. O segundo passo da pesquisa foi encontrar instituições de ensino superior cadastradas no e-mec, ou seja, que já eram devidamente regulamentadas pelo Ministério da Educação. Das trinta e quatro (34) cidades da Região metropolitana de Porto Alegre, dez (10), não foram encontradas no e-mec. Das vinte e quatro (24) restantes, quinze (15) não ofereciam o curso de graduação em psicologia. Permanecendo nove (9) cidades para participar da pesquisa. São elas: Cachoeirinha, Canoas, Gravataí, Guaíba, Novo Hamburgo, Porto Alegre, São Jerônimo, São Leopoldo e Taquara.

A segunda parte do estudo foi analisar cada currículo dos dezenove (19) cursos de graduação em psicologia encontrados nas nove (9) cidades citadas. O Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios, IBEGEN, foi retirado da pesquisa, pois não disponibiliza acesso ao currículo para não alunos. Os currículos avaliados foram os disponíveis nos sites das universidades e faculdades inclusas na pesquisa. As universidades e faculdades avaliadas foram: CESUCA Cachoeirinha, UNILASALLE Canoas, ULBRA Canoas, ULBRA Gravataí, ULBRA Guaíba, IENH Novo Hamburgo, FEVALE Novo Hamburgo, IPA Porto Alegre, UNIRITTER Porto Alegre, FADERGS Porto Alegre, IBEGEN Porto Alegre, UNIFIN Porto Alegre, UFCSPA Porto Alegre, PUCRS Porto Alegre, UNISINOS Porto Alegre, UFRGS Porto Alegre, ULBRA São Jerônimo, UNISINOS São Leopoldo e FACCAT Taquara.

Os cursos incluídos como pertencentes ao grupo que estuda relações raciais são aqueles que em suas disciplinas, tanto no nome da disciplina quanto na ementa, apresentavam descritores como: Afro-brasileiros, Afrodescendentes, África, Relações Raciais, Étnico-racial, Etnia, Cultura Negra, Negros e seus semelhantes.

## 5. UM PROBLEMA: A FALTA DE ESTUDOS SOBRE RELAÇÕES RACIAS NAS GRADUAÇÕES EM PSICOLOGIA

De acordo com a análise feita de currículo dos dezoito (18) cursos de graduação em psicologia, no período de março a junho de 2016, de Porto Alegre e região metropolitana, somente seis (6) cursos apresentam disciplinas que trabalham com questões raciais. Destes, somente um (1) apresenta o assunto em disciplina obrigatória, os outros cinco (5) apresentam de forma optativa/eletiva. O curso que apresentava de forma explícita e obrigatória as discussões sobre relações raciais foi o curso da CESUCA, Complexo de Ensino Superior de Cachoeirinha, que apresenta logo no primeiro semestre na disciplina de Psicologia Comunitária com a seguinte ementa “Um olhar para a inclusão social. Desafios em psicologia social e comunitária. Noções de Ética Profissional. Cultura Negra na formação da sociedade brasileira. Resgate da contribuição dos negros nas esferas sociais, econômicas e políticas relativas à História do Brasil. Educação ambiental, Direitos Humanos e pluralidade étnica racial e gênero. ”

Como podemos ver mesmo tendo um enfoque maior nas questões raciais, ainda é uma disciplina com diversos assuntos de grande importância, o que torna difícil dar conta de tudo em um semestre. Visto a importância dos assuntos citados acima, a duração de um semestre fará, provavelmente, com que algum deles ou todos sejam negligenciados. Mesmo assim este é o único curso que fala em seu currículo sobre questões raciais de forma obrigatória.

Os cinco (5) cursos restantes, trazem a temática racial de forma optativa/eletiva, sendo que três (3) delas não disponibilizam as ementas das disciplinas para não alunos. São elas: UNISINOS São Leopoldo, UNIFIN, IENH. As disciplinas oferecidas nestes cursos são respectivamente Afrodescendentes na América Latina, Povos Indígenas na América Latina Contemporânea (UNISINOS São Leopoldo), Educação em Direitos Humanos e das Relações Étnico-Raciais e História Afro-Brasileira, Africana e Indígena, (UNIFIN), História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (IENH).

O curso da faculdade FEEVALE traz a seguinte disciplina eletiva Cultura, Identidade e Diferenças, e sua ementa: “A disciplina problematiza, a partir do campo dos Estudos Culturais e da Psicologia Social, de que modo determinadas práticas cotidianas e regimes de verdade produzem subjetividades, corpos e comportamentos que forjam marcas identitárias, hierarquias, posicionamentos e exclusões, definindo modos de ser sujeito na contemporaneidade”. Mesmo esta disciplina não contendo as palavras chaves descritas na metodologia deste trabalho, entende-se que quando é proposta uma discussão sobre marcas identitárias, hierarquias, posicionamentos e exclusões, se propõe também, que se fale sobre relações raciais. Quando se estuda relações raciais se fala em marcas identitárias, hierarquias, regimes de verdade, exclusões, entre outros elementos trazidos na ementa acima. A ementa é ampla, permite que se discuta diversos tipos de preconceitos que estrutura nosso país, como o racismo, a homofobia, machismo, etc. Sendo assim, foi importante incluir esta disciplina na pesquisa, pela possibilidade de discussão sobre a temática deste trabalho. Ainda na FEEVALE temos a disciplina História da África também de caráter eletivo, com a ementa: “Analisa os aspectos pontuais de processos históricos das comunidades e Estados africanos, considerando o período pré-colonial até a conjuntura atual. ”

Já na UFRGS foi encontrada apenas uma disciplina eletiva chamada Diversidade e Desenvolvimento Humano, com a seguinte ementa: “Estudos das desigualdades étnico-raciais e de gênero, diversidade cultural, violência e exclusão social, consequências do bullying, preconceito e discriminação no contexto escolar, institucional e social. ” Esta disciplina entra na mesma lógica da disciplina oferecida pela faculdade CESUSA. Muitas temáticas, todas de grande importância, o que torna fácil que alguma delas seja negligenciada. Não há como saber ao certo se algum assunto será negligenciado, e se for, qual deles será. Depende de inúmeros fatores, como a afinidade do professor com as temáticas, o interesse da turma, a maneira que cada assunto é introduzido, entre outros. São detalhes que podem mudar a cada semestre, tornando disciplinas como estas extremamente mutáveis o que não aconteceria em uma disciplina específica sobre relações raciais.

A disciplina específica sobre relações étnico-raciais cursada pela autora deste trabalho não estava sendo oferecida pela UFRGS no momento desta escrita. Esta disciplina chamava-se Estudos em Psicologia III, com o seguinte objetivo: “Discutir abordagens teóricas e empíricas que contribuam para a análise da produção de

subjetividade a partir dos marcadores sociais de diferença de raça e de etnia. Analisar como os processos de discriminação e de violação de Direitos Humanos decorrentes das relações raciais e étnicas institucionalizadas atravessam a produção de subjetividade. Apresentar os embates teórico-políticos que constituem o campo de análise das relações raciais e étnicas e seus desdobramentos em políticas públicas de enfrentamento das desigualdades raciais e étnicas no Brasil. ”

O motivo desta disciplina ter sido alterada foi que a professora responsável pela disciplina e que tem interesse na temática acabou não conseguindo conciliar a docência da disciplina com suas outras responsabilidades. Sendo esta uma disciplina de departamento, ou seja, ela é pertencente ao Departamento de Psicologia Social e Institucional e todos os professores deste departamento podem lecionar nesta disciplina. A temática dada será aquela com que o professor responsável tem maior identificação e julga necessário passar estes conhecimentos aos graduandos. Hoje, a temática das relações raciais está inclusa na disciplina obrigatória de Psicologia Social II, lecionada pela orientadora do presente trabalho, e responsável pela disciplina de Estudos em Psicologia Social III em 2011 quando a disciplina trabalhava a temática das relações raciais. Mesmo a temática estando presente em uma disciplina obrigatória como Psicologia Social II, o assunto não se encontra na ementa da disciplina. O que abre a possibilidade de outras disciplinas obrigatórias trabalharem com a temática, mesmo não apresentada nos currículos ou nas ementas.

Este trabalho teve a intenção de analisar os currículos, com o intuito não de afirmar que não existam estas discussões, mas para analisar o silenciamento destas discussões pelo fato de não se encontrarem de forma explícita na maioria dos currículos. A análise deste trabalho vai de encontro a Hellen Santana e Marilda Castelar (2015, p. 87) quando afirmam que:

(...) o tema das relações raciais ainda possui pouca expressão na psicologia. Existem manifestações explícitas e implícitas do racismo. Uma dessas formas de manifestação é a da crença de “Democracia Racial”, que oculta as diferenças sociais e minimiza injustiças que acontecem a todo instante, marcando as subjetividades das pessoas, e favorecendo, assim, o encobrimento do preconceito racial, alimentando o discurso de uma relação sem desigualdades entre brancos e negros, o que não é verdade. Dessa forma percebe-se uma necessidade de enfrentamento do racismo que diz respeito às relações raciais entre brancos e negros, sendo necessária a sensibilização de profissionais e estudantes para a importância da reflexão sobre as relações raciais em suas práticas, além das discussões para compreensão das consequências do racismo como gerador de sofrimento psíquico.

Não podemos ignorar que o ensino de forma geral não é neutro. Ele vem de uma construção histórica, cultural e política, então, os currículos expressam o interesse de forças políticas que regem o sistema educacional em um dado momento (Joana Passos, Tatiane Rodrigues e Ana Cruz, 2016). Os currículos analisados deste trabalho, não podem ser considerados meros documentos de informação sobre as disciplinas ofertadas, mas sim expressões públicas do que interessa às instituições ensinar.

Como podemos ver o estudo das relações raciais é extremamente negligenciado pelas instituições de ensino superior analisadas neste trabalho, das dezoito (18) instituições que foram incluídas na pesquisa apenas seis (6) trabalham de forma explícita com relações raciais, mas somente uma (1) traz no currículo obrigatório, ou seja, nas outras cinco (5) instituições, somente os alunos que tem interesse pela temática irão cursar. Algumas instituições podem estudar a temática sem ter explicitado no currículo, o que mostra que não há interesse da instituição em abordar o assunto de forma pública. Por que isso é um problema?

Como foi exemplificado no início deste trabalho, muitas pessoas negras sofrem não somente com o racismo, mas também com o silenciamento dele. Se profissionais da psicologia não tiverem condições de perceber e acolher este sofrimento, o indivíduo que veio em busca de ajuda terá seu sofrimento aumentado. Com a falta de estudos sobre relações raciais, também se corre o risco de reforçar estereótipos ou negligenciar temores. Por exemplo, em uma palestra ofertada pelo COMITÊ GDC (Gerência Distrital Centro) DA POPULAÇÃO NEGRA, realizada no auditório do 6º andar no posto de saúde Santa Marta, em novembro de 2015, sendo uma das atividades relacionadas ao mês da consciência negra. Naquele momento houve diversas falas em que profissionais da saúde reforçaram estereótipos, como o da raça negra sendo mais forte, falas de enfermeiras como “um negro deste tamanho chorando? ”, quando na verdade se tratava de uma criança que acabava de tomar uma vacina. Este tipo de estereótipo pode fazer com que a população negra esconda seu sofrimento por acreditar que deve sempre se manter firme e também que seja negligenciada pela saúde pública, pois ao entender que a raça é mais “forte”, correm o risco de não ter tanto cuidado, como teriam com pessoas pertencentes a raça branca. Durante a palestra ministrada pela profissional Alexandra Angélica Marques, enfermeira da ESF (Estratégia de Saúde da

Família) do Posto Santa Marta, também foram denunciados casos de mulheres negras que recebiam menos anestesia no parto que mulheres brancas.

Na saúde, os dados epidemiológicos são eloquentes, mostrando a diminuição da qualidade de vida e da expectativa de vida da população negra. Em geral, este segmento apresenta níveis mais baixos de instrução, reside em áreas com menos serviços de infraestrutura básica, tem menos acesso ao Sistema Único de Saúde e, quando dispõe dele, depara-se com menor qualidade. Ou seja, essa parte da população brasileira vivencia, em quase todas as dimensões de sua existência, situações de exclusão, marginalidade e/ou discriminação sócio econômica, o que a coloca mais vulnerável aos agravos à saúde e a faz adoecer de doenças curáveis e morrer antes do tempo, de mortes evitáveis. Contudo, o racismo estrutural e institucional tem sido discutido e enfrentado na área da saúde, com a implementação de ações concretas, enfatizando a formação dos trabalhadores.. (Zamora, Maria, 2012, p. 571).

Uma terapeuta com pouca ou nenhuma experiência em estudos das relações raciais pode também minimizar receios e temores de seus pacientes quando se trata de racismo. Durante o período de estágio, entre agosto de 2015 e junho de 2016, concluído no Serviço de Atendimento Especializado - HIV Santa Marta, no centro de Porto Alegre, atendi<sup>2</sup> dois casos em especial que me chamaram a atenção com enfoque na questão racial. O foco do estágio era o HIV e como os pacientes lidavam com a doença, mas em algumas sessões de terapia o assunto mudava para diversos outros. Uma das pacientes atendidas, uma mulher negra de 20 e poucos anos, tinha grande medo que o namorado a deixasse por uma mulher branca. Já o segundo caso era um homem negro, por volta da mesma idade, que se inferioriza por ser negro, relatando que “é tudo muito difícil para pessoas da nossa cor, tu sabe”.

No primeiro caso, através de estudos como os apresentados neste trabalho, feitos previamente pela terapeuta/autora, conseguimos juntas trabalhar a sua autoestima, conversamos sobre diversas questões raciais, e que é um temor real, uma mulher negra ser trocada por uma mulher branca. O interessante neste caso foi ver a transformação deste temor que tinha como algo dela, como se ela fosse a culpada e que se caso o rapaz realmente terminasse com ela para namorar uma mulher branca seria porque ela era feia, e que mulheres brancas são mais bonitas. Depois de algumas sessões ela percebeu que este temor é do âmbito social, é algo que foi construído de forma que ela não pode controlar, mas se caso ela realmente fosse trocada por uma mulher branca, ainda seria

---

<sup>2</sup> Casos baseados em fatos reais, não totalmente verídicos.

extremamente sofrido, mas ela entende que esse acontecimento não seria reponsabilidade dela, e nem se daria pelo fato de uma mulher branca ser mais bonita que uma mulher negra, baseado única e exclusivamente na raça.

O segundo caso, infelizmente o rapaz não voltou aos encontros marcados, e não deixou nenhuma forma de contato. Mas o fato é que desde o início da sessão ele passou se depreciando, e mesmo trazendo fatos que negavam seus defeitos, ele não conseguia enxergar suas qualidades, ele trouxe que era burro demais para entrar em uma instituição de ensino superior, ao mesmo tempo que conta que desenvolveu um aplicativo na sua casa. A questão da inferiorização da raça, junto com o HIV fez com que ele não enxergasse nada além do preconceito que viveu e que iria viver.

Como lidar com estas questões sem estudar relações raciais? Como reagiria um terapeuta que nunca passou por estas situações e que também não estudou sobre isso? Talvez como as terapeutas citadas na introdução deste trabalho, minimizando e silenciando o sofrimento destes pacientes? Algo que seria mais difícil de acontecer se os psicólogos estudassem estas questões durante a graduação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Visto anteriormente neste trabalho que o sofrimento psíquico, causado pelo racismo em pessoas negras é imensurável, e pode causar grandes sequelas como baixa autoestima, humilhação social, desumanidade e estigmatização, sentimentos de inferioridade, negação de si mesmo, e até melancolia. (Santana, Hellen e Castelar, Marilda 2015). Ainda em Hellen Santana e Marilda Castelar:

O racismo ocasiona sofrimento psíquico e desigualdades sociais, bem como possíveis danos na vida dos indivíduos, aspectos que podem influenciar na construção da identidade de psicólogas, refletindo, dessa forma, sobre uma difícil vivência, onde o preconceito parece estar arraigado no ser humano e no contexto social, fazendo pessoas negras se sentirem incapazes e excluídas diante da condição que lhes é imposta, a de menos valia. (p. 87)

Já para pessoas brancas, o racismo causa sentimentos de superioridade, mantém privilégios e faz com que o sistema sempre crie vantagens para pessoas brancas.

Quando temos uma resolução afirmando que a (o) psicóloga (o) deve utilizar seus conhecimentos para a eliminação do racismo, afirma-se que este conhecimento existe, e que será utilizado, para auxiliar pessoas não brancas com seus sofrimentos e empodera-lás, para que este sofrimento seja diminuído, mas nunca desacreditado. Para eliminar o racismo as (os) profissionais da psicologia, devem tentar que pessoas brancas (inclusive o próprio profissional quando for o caso) entendam que são privilegiadas, e que em uma sociedade visivelmente desigual, falar em meritocracia é no mínimo ingênuo. Fazer entender que, para uma sociedade igualitárias, devemos eliminar os privilégios de uma raça sobre a outra, e que isso não é retirar direitos das pessoas brancas, mas sim igualar os direitos de todas as raças, sempre respeitando suas diferenças.

A luta antirracista implica a adoção voluntarista de toda uma série de ações estendidas a todos os recantos da sociedade, que atinjam tanto o segmento que, de fato, é racialmente dominante quanto o segmento que, historicamente, é racialmente subalternizado. (Moore, Carlos 2012, p. 199)

Nesta citação Moore mostra que para se diminuir o racismo é preciso que toda a sociedade, independente de raça se manifeste contra o racismo. Para que isso ocorra, é necessário que se entenda o que é o racismo e como ele opera, por isso a importância de disciplinas obrigatórias sobre relações raciais. Sem essas disciplinas muitos podem cometer as mesmas falhas das psicólogas citadas na introdução deste trabalho, e acreditar no mito da democracia racial. Como combater algo, se não se acredita que ele exista?

A importância que as leis de educação, que dizem que deve ser ensinado sobre a temática das relações raciais, serem cumpridas é de trazer benefícios, para uma sociedade mais igualitária e justa. Falar sobre racismo, não pode se limitar a pessoas negras. Pessoas brancas são privilegiadas com o racismo, e quando falamos em privilégios, falamos de benefícios conquistados às custas de uma opressão a um grupo. Muitas vezes, pelo racismo já estar enraizado na sociedade, as pessoas brancas não percebem seus privilégios. O estudo sobre relações raciais faz com se perceba a diferença social que acomete as raças. Profissionais brancos da psicologia podem através destes estudos entender seus privilégios e auxiliar no sofrimento de uma pessoa negra, quando esta vier buscar ajuda em terapia.

Os alunos negros, quando estudam a temática racial, além de ajudar outros pacientes, vão conseguir entender o que acontece em diversos sofrimentos seus. Quando comecei a estudar sobre o assunto, quando comecei a entender que minha baixa autoestima, dentre outros sofrimentos psíquicos, vinha da falta de representatividade positiva, e da imposição social para ver só o branco enquanto positivo, foi o que me libertou, e me deixou extremamente mais segura. A inclusão da temática racial nas graduações de psicologia, não fariam profissionais com melhor condição de atender a maioria da população de acordo com o CENSO 2010 (50,7% da população brasileira), mas também estes estudos ajudariam os estudantes negros das universidades, que graças as Ações Afirmativas têm maior condições de acesso.

## REFERÊNCIAS

- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Atlas Socioeconômico Rio Grande do Sul. Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA. 2013 Disponível em:  
<[http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod\\_menu\\_filho=807&cod\\_menu=805&tipo\\_menu=POPULA&cod\\_conteudo=1396](http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/conteudo.asp?cod_menu_filho=807&cod_menu=805&tipo_menu=POPULA&cod_conteudo=1396)>
- \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Resolução n. 1, de 17 de junho de 2004. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>>
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados**. 2016. Disponível em:< <http://emec.mec.gov.br/>>
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, [s.d.]. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category\\_slug=novembro-2009-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category_slug=novembro-2009-pdf&Itemid=30192)>
- ARRAES, J, **Meu Psicólogo Disse que Racismo não Existe**, Revista Forum 2015. Disponível em : <<http://www.revistaforum.com.br/2015/06/25/meu-psicologo-disse-que-racismo-nao-existe>>
- BENTO, M. A. S. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. In: CARONE, I; BENTO, M. A. S. (orgs.). *Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 25-58, 2002
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**, 2004.
- CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do ser**. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2005.
- CÉSAIRE, A, **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala. 2010
- CESUCA. **Componentes Curriculares 2014**. Disponível em: <<http://www.cesuca.edu.br/psicologia/componentes-curriculares/>> Acesso em: 2016
- CUTI. **Negroesia**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 136, 2007. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/images/modulos/graduacao/disciplinas/grade-curricular/GR12010-002-003.pdf>> Acesso em: 2016

FACCAT, **Matriz Curricular : 41**. 2013 Disponível em:  
<[https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/matrizCurricular\\_41\\_Psicologia.pdf](https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/matrizCurricular_41_Psicologia.pdf)>  
Acesso em: 2016

FADERGS, **Grade**, Disponível em: <<https://www.fadergs.edu.br/graduacao/psicologia>>  
Acesso em: 2016

FEEVALE. **Estrutura Curricular**, 2013 Disponível em:  
<<https://www.feevale.br/ensino/graduacao/psicologia/estrutura-curricular> > Acesso em:  
2016

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975 – 1976).  
São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda. 2005

GUIMARÃES, A. S. A. **Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 14(39), 103-117. 1999.

GUIMARÃES, A. S. A. **Depois da democracia racial**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 2, p. 269-287, novembro 2006

GUIMARÃES, M. A.C, PODKAMENI, A. B, **Racismo: Um Mal-Estar Psíquico**. In: BATISTA, L. E, WERNECK, J, LOPES, F. (orgs.). Saúde da População Negra. ABPN – Associação Brasileira de pesquisadores Negros. São Paulo: p. 224 – 239. 2012.

IENH. **Curso de Psicologia**. 2014, Disponível em:  
<<http://faculdade.ienh.com.br/br/psicologia-ienh>> Acesso em: 2016

IPA, **Currículo do Curso** Disponível em:  
<<http://ipametodista.edu.br/psicologia/curriculo-do-curso>> Acesso em: 2016

MOORE, C. **Prefácio. Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, p,7–38, 2010.

\_\_\_\_\_. **Racismo e Sociedade Novas Bases Epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte, 2012.

MOREIRA, C. **Branquitude é Branquidade? Uma Revisão Teórica da Aplicação dos Termos no Cenário Brasileiro**. Revista da ABPN. V. 6, p. 73-87, mar-jun. 2014

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Em Brandão, André Augusto P. (Org.), Cadernos Penesb 5. Niterói: EdUFF. 2004

MUNANGA, K. **Prefácio.** In: CARONE, I; BENTO, M. A. S. (org.). Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, p. 09-11, 2002,

OLIVEIRA, C. M, **Pluralidade Racial: Um Novo Desafio para a Psicologia.** Psicologia, Ciência e Profissão, 22(4), p 34-45, 2002.

PASSOS, J. C, RODIGUES, T. C, CRUZ, A. C, **O Impacto Das Ações Afirmativas No Currículo Acadêmico Do Ensino Superior Brasileiro,** Revista da ABPN • v. 8, n. 19, p.08-33, mar. 2016 – jun. 2016.

PUCRS. **Currículo Curso de Psicologia.** Disponível em:  
<<http://www.pucrs.br/humanidades/curso/psicologia/>> Acesso em: 2016

SANTANA, H. M, CASTELAR, M. **Racismo e branquitude na prática profissional de psicólogas brancas e negras.** Revista Brasileira de Psicologia, 02(núm. esp.), Salvador, Bahia, 2015

SILVEIRA, R. S, **Interseccionalidade Gênero/Raça e Etnia e a Lei Maria da Penha: Discursos Jurídicos Brasileiros e Espanhóis e a Produção de Subjetividade.** Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

SOUZA. N. S, **Tornar-se Negro.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

UFCSPA, **Matriz Curricular,** 2012, Disponível em:  
<<http://www.ufcspa.edu.br/index.php/cursos/psicologia/curriculo>> Acesso em: 2016

UFRGS, **Curso de Psicologia.** Disponível em:  
<[http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod\\_curso=342](http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=342)>  
Acesso em: 2016

ULBRA Canoas. **Ementas das Disciplinas.** 2013. Disponível em:  
<<http://www.ulbra.br/upload/dea42979a75993d81e39e437c0dd5230.pdf?1466547838>>  
Acesso em: 2016

ULBRA Gravataí. **Ementas das Disciplinas 2013**. Disponível em:  
 <<http://www.ulbra.br/upload/d53e2ca62c051e8093a38ef5b0637bd7.pdf?1466548002>>  
 Acesso em: 2016

ULBRA Guaíba. **Ementas das Disciplinas 2013**. Disponível em:  
 <<http://www.ulbra.br/upload/d53e2ca62c051e8093a38ef5b0637bd7.pdf?1466548002>>  
 Acesso em: 2016

ULBRA São Jeronimo. **Ementas das Disciplinas**. 2013,. Disponível em:  
 <<http://www.ulbra.br/upload/1578127f519bbb428d92a881b6a8b694.pdf?1467052974>>  
 Acesso em: 2016

UNIFIN, **Grade Curricular Psicologia**, Disponível em:  
 <<http://www.saofranciscodeassis.edu.br/Areas/Admin/Arquivos/2015%20Grade%20Curricular%20Psicologia%20el.pdf>> Acesso em: 2016

UNILASSALE. **Matriz Curricular 2009**. Disponível em:  
 <<http://unilasalle.edu.br/canoas/graduacao/psicologia/>> Acesso em: 2016

UNIRITER, **Estrutura Curricular** Disponível em:  
 <<http://www.uniritter.edu.br/graduacao/psicologia> > Acesso em: 2016

UNISINOS Porto Alegre, **Curso de Psicologia – Bacharelado – Diurno e Noturno – (Habilitação 003 – Matriz Curricular 001) – Currículo 1 - São Leopoldo** Disponível em: <<http://www.unisinios.br/images/modulos/graduacao/disciplinas/grade-curricular/GR12010-003-001.pdf>> Acesso em: 2016

UNISINOS São Leopoldo, **Curso de Psicologia – Bacharelado – Diurno e Noturno – (Habilitação 002 – Matriz Curricular 003) – Currículo 4 – São Leopoldo**.

VAINER, L. S.; NUNES, S. S.; COSTA, E. S. **A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes**. Psicol. USP, São Paulo, 2015 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642015005032413&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015005032413&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 July 2016. Epub Apr 17, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564A20132413>.

VAINER, L.S. **Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão**. Psicologia Política Vol. 10. Nº 19, p 44-55 Jan – Jun. 2010

ZAMORA, M. H. R. N, **Desigualdade Racial, Racismo e seus Efeitos.** Fractal, Rev. Psicol., Rio de Janeiro, v. 24 – n. 3, p. 563-578, Set./Dez. 2012.